

Excelência nas humanas

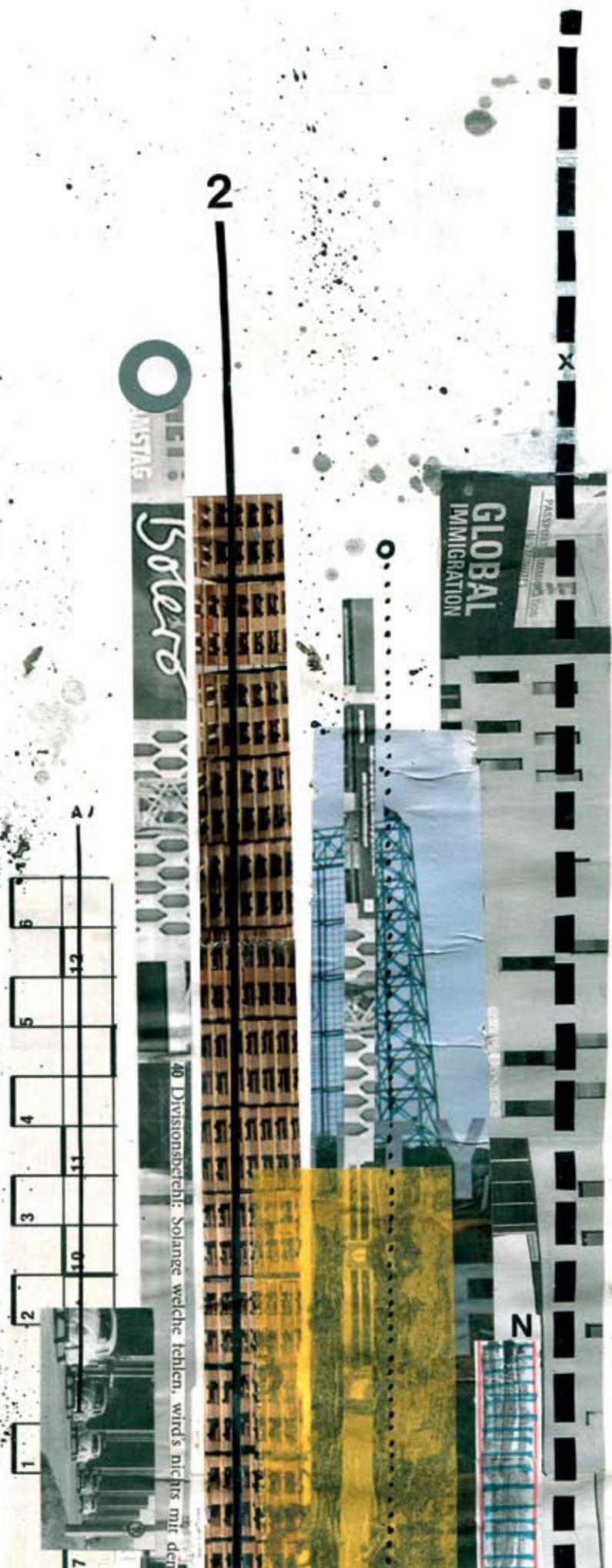
Cursos brasileiros se destacam no cenário internacional

MÁRCIO FERRARI

ILUSTRAÇÃO BEL FALLEIROS

A QS (Quacquarelli Symonds), que desde 2004 avalia e classifica anualmente universidades de todo o mundo, publicou no início de julho o primeiro *ranking* global separado por áreas de conhecimento (disponível no *site* www.topuniversities.com). Há cursos brasileiros relativamente bem colocados entre os primeiros 200, sobretudo nos grupos gerais de “ciências sociais” e “artes e humanidades”. As listas especificam as posições de 1 a 50 e depois reúnem em três grupos, por ordem alfabética, as instituições que ficaram entre as posições 51-100, 101-150 e 151-200. No cômputo geral das ciências humanas aparecem seis instituições brasileiras: duas estaduais (USP e Unicamp), duas federais (UFRJ e UFMG), a Fundação Getúlio Vargas (FGV) e a Pontifícia Universidade Católica do Rio (PUC-Rio). Há duas de outros países latino-americanos (Universidade Nacional Autónoma do México e PUC-Chile).

Da USP, filosofia e sociologia se classificaram no grupo 51-100 e geografia e relações internacionais ficaram entre 151 e 200. A Unicamp está entre 101 e 150 em filosofia e entre 151 e 200 em estatística e pesquisa operacional. Com esses dois mesmos cursos, a UFRJ ficou em posições invertidas. A FGV e a UFMG aparecem entre 151 e 200 com relações internacionais e filosofia, respectivamente. A título de comparação, nas áreas de exatas e biomédicas, estão representadas apenas três universidades: USP (agronomia entre 51 e 100 e engenharia civil entre 151 e 200), Unicamp (engenharia elétrica e eletrônica entre 151 e 200) e PUC-RJ (engenharia civil, 151-200).





“Os critérios que norteiam esses rankings não podem ser considerados únicos nem infalíveis, mas seria absurdo desconhecer sua utilidade e a visibilidade que eles trazem”, diz Modesto Florenzano, vice-diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, que abriga três dos departamentos citados no ranking (Filosofia, Sociologia e Geografia).

“A finalidade maior dessas listas – e é nisso que estão economicamente baseadas – é oferecer a pessoas que pretendem ingressar nas instituições um panorama das universidades. Por isso fazer uma pesquisa por disciplina é uma boa iniciativa”, explica Rogério Meneghini, especialista em cienciometria, o estudo dos aspectos quantitativos da ciência e da produção científica. “Os rankings não foram feitos para dar uma visão ampla da qualidade das universidades, mas acabaram servindo para isso.”

A QS, com sede no Reino Unido e escritórios em vários países, intencionalmente elabora seus rankings com o objetivo de servir de orientação para

alunos que queiram estudar fora de suas cidades ou, principalmente, de seus países de origem. Por isso dá atenção especial ao grau de internacionalização das instituições avaliadas. O ranking recente foi feito com base em três grandes critérios: reputação acadêmica (professores são chamados a avaliar cursos e universidades que não são os seus), reputação entre empregadores (sobre a qualidade dos profissionais egressos das instituições) e número de citações em publicações acadêmicas.

A inclusão do item da “empregabilidade” é tida pela QS como o grande diferencial dos seus rankings, embora gere críticas por se tratar de um índice que não necessariamente tem a ver com a qualidade da produção intelectual das universidades. “Para nosso público-alvo, seria desproporcional colocar maior ênfase na pesquisa acadêmica do que já fazemos”, diz Ben Sowter, chefe da unidade de informação da QS. “Além disso, os outros rankings já dão essa ênfase, em parte pelo tipo de dados disponível internacionalmente e em parte devido à história de como eles surgiram. A primeira classificação internacional foi criada pelo governo chinês [via Universidade de Xangai] para destacar as proezas da pesquisa científica em suas universidades em comparação com as do Ocidente.”

O ranking da QS, no entanto, também não está livre de viés. Basta um primeiro passar de olhos pelas listas para que fique evidente a presença maciça e predominante de universidades de países de língua inglesa (não só Estados Unidos e Reino Unido, mas também Canadá e Austrália). No ranking de filosofia, por exemplo, chama a atenção a pequena e fraca representação das instituições dos países que mais contribuíram historicamente (e até hoje) para esse campo do saber, França e Alemanha. “Como pode a Universidade de Frankfurt, que tem Jürgen Habermas e Axel Honneth, ficar lá embaixo na lista?”, pergunta Ricardo Ribeiro Terra, professor do Departamento de Filosofia da FFLCH-USP e coordenador da área de ciências humanas e sociais da FAPESP (filosofia).



Terra observa ainda a pequena ou nula quantidade de artigos em publicações internacionais de alguns cursos brasileiros, mesmo bem avaliados, como o de sociologia. “Isso faz levantar dúvidas quanto ao conjunto de revistas escolhido e supor que se limita à filosofia analítica do tipo hegemônico nos Estados Unidos”, diz ele.

Financiamento - A língua inglesa como parâmetro internacional não deixa de ser, por outro lado, um dado incontornável. “Há um interesse perceptível de alunos estrangeiros em estudar no Brasil, em grande parte pela possibilidade de conseguir financiamento para pesquisa num estágio bem inicial da carreira acadêmica. Até mesmo a bolsa parece atraente, mas a maioria não vem porque o português é tido como uma barreira”, diz Meneghini.

Por isso, o peso conferido pela QS à internacionalização a suas avaliações é visto como correto – e também é consensual a constatação de que ainda há poucos estudantes estrangeiros nas universidades brasileiras. “As principais universidades sempre foram pontos de encontro das melhores mentes do mundo”, diz Sowter. “Grande parte do impulso de internacionalização é

conduzida não apenas pelas instituições individualmente, mas por políticas governamentais. Nos últimos tempos, as universidades tornaram-se centrais para a política econômica, porque os governos perceberam que pesquisa e inovação desempenham papéis-chave no estímulo ao crescimento.”

Mas não é fácil pesar a qualidade dos cursos por critérios numéricos de internacionalização. “Na área de ciências sociais, a maioria dos trabalhos se refere a questões brasileiras e eles não são, naturalmente, veiculados em publicações estrangeiras”, diz Terra. “Devia-se pensar em critérios que avaliassem também o impacto interno.” Ao mesmo tempo, as características regionais podem estar na origem do prestígio de algumas pesquisas brasileiras. “A alta complexidade territorial e social do Brasil exigiu a criação de uma teo-

ria sofisticada”, afirma Antonio Carlos Robert de Moraes, do Departamento de Geografia da FFLCH-USP e coordenador da área de ciências humanas e sociais da FAPESP (geografia).

Os observadores dos *rankings* internacionais são unânimes em afirmar que, dada sua criação recente, os critérios ainda precisam passar por muito aperfeiçoamento. A própria QS concorda com isso, e a decisão de criar um *ranking* por área foi um modo de tornar mais específicas e úteis as classificações.

“A questão mais delicada diz respeito à possibilidade de produzir critérios compatíveis com as diferentes formas de produzir conhecimento nas diversas disciplinas”, diz Paula Montero, professora do Departamento de Antropologia da FFLCH-USP e coordenadora adjunta da Diretoria Científica da FAPESP. Ela considera o critério de consulta aos pa-

As melhores universidades sempre foram pontos de encontro das melhores mentes do mundo, diz Sowter, da QS

América Latina na QS University rankings: ciências sociais

INSTITUIÇÃO	ESTATÍSTICA & PESQUISA OPERACIONAL	SOCIOLOGIA	POLÍTICAS & RELAÇÕES INTERNACIONAIS	DIREITO	ECONOMIA & ECONOMETRIA
Universidade Nacional Autônoma do México	–	44	–	–	151-200
Universidade de São Paulo	–	51-100	151-200	–	–
Universidade Federal do Rio de Janeiro	101-150	151-200	–	–	–
Pontifícia Universidade Católica do Chile	151-200	–	–	51-100	–
Fundação Getúlio Vargas	–	–	151-200	–	–
Universidade Estadual de Campinas	151-200	–	–	–	–
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	–	–	101-150	–	–

QS World University rankings globais: filosofia

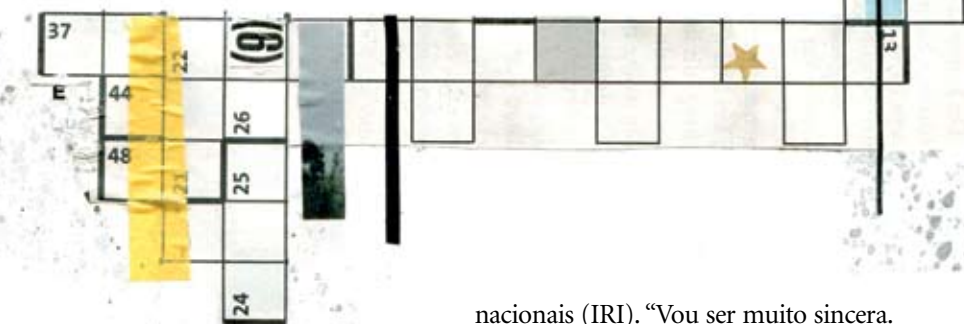
	INSTITUIÇÃO	PAÍS	ACADÊMICO	EMPREGADOR	CITAÇÕES	PONTUAÇÃO
1	Universidade Harvard	Estados Unidos	99,6	96,3	50,3	94,3
2	Universidade de Oxford	Reino Unido	100,0	95,4	41,0	93,6
3	Universidade de Cambridge	Reino Unido	94,5	100,0	51,9	90,8
4	Universidade da Califórnia, Berkeley	Estados Unidos	88,4	65,4	73,3	84,6
5	Universidade Princeton	Estados Unidos	80,1	39,7	81,6	76,2
6	Universidade Nacional da Austrália	Austrália	73,8	52,8	95,1	73,8
7	Universidade de Toronto	Canadá	77,1	60,6	36,1	71,4
8	Universidade Stanford	Estados Unidos	74,8	46,0	56,7	70,1
9	Universidade Yale	Estados Unidos	73,2	64,4	22,1	67,2
10	Universidade de Chicago	Estados Unidos	71,1	50,4	13,8	63,3
51-100	Universidade de São Paulo	Brasil	26,8	5,9	5,0	-
101-150	Universidade Estadual de Campinas	Brasil	16,1	0,0	9,8	-
151-200	Universidade Federal de Minas Gerais	Brasil	10,7	0,0	8,5	-
151-200	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Brasil	14,4	0,0	0,0	-

res (reputação acadêmica) o mais importante: “Quando uma área de conhecimento é suficientemente desenvolvida e diversificada, esse tipo de avaliação externa funciona muito bem”.

Apesar de ser o mais estabelecido, o critério das citações em publicações acadêmicas também é alvo de restrições. “Até hoje não vi uma medição que tente avaliar a qualidade da pesquisa”, diz Meneghini. Além disso, os dados nesse quesito são colhidos em números brutos, o que faz com que universidades imensas, como a USP, saiam com vantagem na competição.

Modéstia - Mesmo assim, a boa posição dos cursos da FFLCH-USP não surpreende. “Sem falsa modéstia, o Departamento de Geografia da USP forma o resto do país e dá o tom da disciplina na América Latina”, diz Robert de Moraes. “Nossa presença no exterior é muito expressiva e sediamos uma boa quantidade de encontros internacionais”, prossegue Terra. Em parte, isso se deve à origem da FFLCH, que foi o núcleo central da criação da USP, na década de 1930, com a vinda de professores estrangeiros, sobretudo franceses. “Nós já começamos internacionalizados e viemos de uma forte tradição humanista”, diz Florenzano.

“As ciências sociais no Brasil sempre tiveram um padrão relativamente bom por razões históricas”, diz Paula Monteiro. “No entanto, o declínio da qualidade da escola pública, a massificação do en-



“Nós já começamos internacionalizados e viemos de uma forte tradição humanista, diz Florenzano, da FFLCH

sino superior, a falta de avaliação de desempenho das universidades e o relativo isolamento das ciências humanas em relação ao debate internacional foram fatores que militaram contra a expansão e a consolidação dessa qualidade.”

A tradição se reflete mesmo num curso recente e que não faz parte da FFLCH, como o do Instituto de Relações Inter-

nacionais (IRI). “Vou ser muito sincera. Acho que nesse ranking pegamos carona no Departamento de Ciência Política, bem mais antigo e conhecido que o IRI, que foi criado em 2004 e tem apenas dois anos de pós-graduação”, diz Maria Hermínia Brandão Tavares Almeida, diretora do instituto. Mas, obviamente, a qualidade do curso está de alguma forma refletida no ranking.

Por isso tudo, a presença em listas como as da QS é ao mesmo tempo importante e relativa. “Só universidades pouco consistentes se deixam dirigir por demandas desse tipo de pesquisa, mas elas podem ser um elemento a ser levado em conta nas diretrizes acadêmicas”, diz Marcelo Ridenti, formado em sociologia pela USP, professor da Unicamp e coordenador de ciências humanas e sociais da FAPESP (sociologia). “O procedimento de avaliação tem de partir da própria universidade, como os levantamentos que a USP tem realizado periodicamente”, diz Meneghini, que participou de comissões de avaliação da universidade com a presença de especialistas estrangeiros. Florenzano concorda: “Precisamos principalmente diagnosticar a qualidade da graduação, e esse é o ponto de partida mais importante.” ■